



Projeto Livro Livre

Iba Mendes

"Quem me dera, agora, que as minhas palavras se escrevessem!
Quem me dera que se gravassem num livro!"

Jó 19:23

Literatura



Camilo Pessanha

Clepsidra



Iba Mendes Editor Digital

www.poeteiro.com

Clepsidra

Camilo Pessanha

Atualização ortográfica e projeto gráfico
Iba Mendes

Publicado originalmente em 1920.

Livro Digital Grátis nº 998 - 1ª Edição - São Paulo, 2019.

Romance - Literatura Portuguesa.

Camilo de Almeida Pessanha
(1867-1926)



Iba Mendes Editor Digital
www.poeteiro.com

PROJETO LIVRO LIVRE



*Oh! Bendito o que semeia
Livros... livros à mão cheia...
E manda o povo pensar!
O livro caindo n'alma
É germe — que faz a palma,
É chuva — que faz o mar.*

Castro Alves

O **Projeto Livro Livre** é uma iniciativa que propõe o compartilhamento, livre e gratuito, de obras literárias já em Domínio Público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, especialmente o livro em seu formato Digital. Sendo assim, não objetivamos fins comerciais ou promoção política. Tal qual o saudoso Nelson Jahr Garcia, pioneiro na divulgação do Livro Digital no idioma português, sempre estudei por conta do Estado, ou melhor, da Sociedade que paga impostos. Por isso, sinto-me também na obrigação de "*retribuir ao menos uma gota do que ela me proporcionou*". Daí o nosso esforço que se resume na simplicidade e na solidariedade.

Segundo normas e recomendações internacionais estabelecidas pela maioria dos países, incluindo Brasil e Portugal, uma obra literária entra em Domínio Público 70 anos após a morte do seu criador intelectual.

O nosso Projeto, que tem por objetivo colaborar na divulgação da Literatura em Língua Portuguesa, em suas variadas modalidades, busca assim não violar nenhum direito autoral. Todavia, caso seja encontrado algum livro que, por imprecisa razão, esteja ferindo os direitos do autor, pedimos a gentileza de nos informar no e-mail: iba@ibamendes.com, a fim de que seja imediatamente suprimido de nosso acervo.

Esperamos um dia, quem sabe, que as leis que regem os direitos do autor sejam repensadas e reformuladas, tornando a proteção da propriedade intelectual uma ferramenta para promover o conhecimento, em vez de um temível inibidor ao livre acesso dos bens culturais. Assim esperamos!

O Livro Digital é – certamente – uma das maiores revoluções no âmbito editorial em todos os tempos. Hoje qualquer pessoa pode editar sua própria obra e disponibilizá-la livremente na Internet, sem aquela imperiosa necessidade das editoras comerciais. Graças às novas tecnologias, o livro impresso em papel pode ser digitalizado e compartilhado nos mais variados formatos digitais, tais como: PDF, MOBI, EPUB, entre muitos outros. Contudo, trata-se de um processo lento e exaustivo, principalmente na esfera da realização pessoal, implicando ainda em falhas decorrentes da própria atividade de digitalização. Por exemplo, erros e distorções na parte ortográfica da obra, o que pode tornar ininteligíveis palavras e até frases inteiras. Embora todos os livros do **Projeto Livro Livre** sejam criteriosamente revisados, ainda assim é possível que algumas dessas falhas passem despercebidas. Desta forma, se o distinto leitor puder contribuir para o esclarecimento de eventuais incorreções, pedimos gentilmente que entre em contato conosco, a fim de efetuarmos as devidas correções.

Ressaltamos, por fim, que o **Projeto Livro Livre** não se limita a simples publicação de textos já disponíveis na Internet, sem qualquer critério. Em vez disso, pautamos nosso trabalho no esmero gráfico e ortográfico, na digitalização e atualização de novas obras, na publicação de autores do nosso tempo, na conversão de livros em áudio etc. Buscamos assim popularizar o Livro Digital, tornando-o acessível a qualquer pessoa e sem nenhum custo.

É isso!

Iba Mendes

ÍNDICE



ALGO MAIS: Camilo Pessanha: o poeta sem arte poética.....	1
Inscrição.....	4
Tatuagens complicadas do meu peito.....	4
Estátua.....	5
Fonógrafo.....	5
Desce em folhedos tenros a colina.....	6
Esvelta surge!.....	6
Depois da luta e depois da conquista.....	7
Quem poluiu, quem rasgou os meus lençóis de linho.....	8
Ó meu coração torna para trás.....	8
Floriram por engano as rosas bravas.....	9
E eis quanto resta do idílio acabado.....	9
Singra o navio.....	10
Foi um dia de inúteis agonias.....	11
Passou o outono já.....	11
Quando voltei encontrei os meus passos.....	12
Imagens que passais pela retina.....	12
Quando se erguerão as seteiras.....	13
Não sei se isto é amor.....	14
Rufando apressado.....	15
Ao meu coração um peso de ferro.....	15
Crepuscular.....	16
Se andava no jardim.....	17
Depois das bodas de ouro.....	17
O meu coração desce.....	18
Chorai arcadas.....	19
Ao longe os barcos de flores.....	20
Em um retrato.....	20
Voz débil que passas.....	21
Na cadeia os bandidos presos!	22
Final.....	22

CAMILO PESSANHA: O POETA SEM ARTE POÉTICA

O senhor Camilo Pessanha é um lírico intacto, sem complicação, sem mistura, sábio na aparente ignorância das regras, oferecendo-nos uma poesia vaga, ingênua, quase inconsciente, que lhe flui da alma gota a gota, exatamente como a água de uma clepsidra. Assim ele ouve...

*...as arcadas
Convulsionadas
Dos violoncelos.*

E lembra...

*Trêmulos astros,
Soldões lacustres,
Lemes e mastros
E os alabastros
Dos balaustres...*

Não há aí uma ponta, uma suspeita de Verlaine, algo como uma recordação das árias das “Festas Galantes?” Em tudo o que nos diz o senhor Camilo Pessanha sente-se qualquer coisa de distante, de observado num país perdido nas brumas da lenda. Pouco importa certas cadências irregulares, certos versos claudicantes, certa falta de articulação nos ritmos, certas graças desajeitadas de sua Musa. Tem a rima pobre, tem a dicção pecável, mas que poeta! Seus desfalecimentos de memória, ainda mais sugestivo o tornam e as

suas ressonâncias longínquas como que se prolongam em nós, enchendo-nos de um langor inebriante. Não é dos que cinzelam estrofes como taças, e na sua música de palavras há uma espécie de sonho escrito. Senão, ouçam:

Se andava no jardim,
Que cheiro de jasmim!
Tão branca do luar!

.....

Eis tenho-a junto a mim.
Vencida, é minha, enfim,
Após tanto a sonhar...

Porque entristeço assim?..
Não era ela, mas sim
(O que eu quis abraçar),

A hora do jardim...
O aroma de jasmim...
A onda do luar...

Apesar da modéstia do autor da “Clepsidra”, encontramos aqui beleza verbal, beleza cantante. Esse contemplativo que vive no Oriente, longe dos civilizados, a fumar ópio, a beber chá e a vagar em barcos floridos, tudo numa leve embriaguez, numa alucinação meio fantasiosa, é simples como um fauno ou como um pastor, é um bárbaro e é uma criança. Admirem-lhe estes versos a um amigo:

De sob o cômodo quadrangular
Da terra fresca que me há de inumar,

E depois de já muito ter chovido,
Quando a erva alastrar com o olvido,

Ainda, amigo, o mesmo meu olhar

Há de ir humilde, atravessando o mar,

Envolver-te de preito enternecido,
Como o de um pobre cão agradecido.

O senhor Camilo Pessanha, é a um tempo ingênuo e complicado, caricioso e desdenhoso, e, se tem vozes ásperas que nos fustigam, tem outras que são doces na sua tristeza, dando-nos a impressão de uma sombra feminina que nos sussurre uma confiança ao ouvido ou nos beije a boca no escuro. Às vezes, ocultando-lhe a ternura ou a melancolia, notamos-lhe certo "humour" fantasista, de um satírico sentimental, de um romântico que não quer parecer romântico, de um romântico por assim dizer comprimido. Tal nos versos em que indica o assunto sem insistir, sem submergir o leitor em metáforas vãs, tudo obtendo através de meias palavras.

Desigual mas sincero, o poeta da "Clepsidra" é dos que têm o direito de cultivar seus defeitos com orgulho, como um canteiro de flores raras. É original até nas suas imperfeições. Em suma: com sua indiferença pelos preceitos técnicos, com suas frases bruscas, sem ligação aparente, que acabam obtendo — não se sabe como — uma espécie de melodia contínua; sem receitas de cozinha poética, sem estreita disciplina de escola, alheio à prosódia parnasiana e a qualquer outra, desejoso unicamente de obter lindos efeitos de canção popular, de "lied" germânico; não fazendo do soneto uma indústria e expulsando a retórica dos seus versos, é ele um poeta quase sem arte poética, um artista que não dá muita importância à estética dos manuais, e, entanto, seus versos são, não raro, doces como aquele pássaro de que nos fala Renan e cujo canto parece serrar os corações com uma serra de diamante.

AGRIPINO GRIECO

O Jornal, 2 de dezembro de 1923.

Pesquisa e adequação ortográfica: Iba Mendes (2019)

CLEPSIDRA



INSCRIÇÃO

Eu vi a luz em um país perdido.
A minha alma é lânguida e inerme.
Oh! Quem pudesse deslizar sem ruído!
No chão sumir-se, como faz um verme...



TATUAGENS COMPLICADAS DO MEU PEITO

Tatuagens complicadas do meu peito:
— Troféus, emblemas, dois leões alados...
Mais, entre corações engrinaldados,
Um enorme, soberbo, amor-perfeito...

E o meu brasão... Tem de ouro num quartel
Vermelho, um lis; tem no outro uma donzela,
Em campo azul, de prata o corpo, aquela
Que é no meu braço como que um broquel.

Timbre: rompante, a megalomania...
Divisa: um ai, — que insiste noite e dia
Lembrando ruínas, sepulturas rasas...

Entre castelos serpes batalhantes,
E águias de negro, desfraldando as asas,
Que realça de ouro um colar de besantes!



ESTÁTUA

Cansei-me de tentar o teu segredo:
No teu olhar sem cor, — frio escalpelo, —
O meu olhar quebrei, a debatê-lo,
Como a onda na crista dum rochedo.

Segredo dessa alma e meu degredo
E minha obsessão! Para bebê-lo
Fui teu lábio oscular, num pesadelo,
Por noites de pavor, cheio de medo.

E o meu ósculo ardente, alucinado,
Esfriou sobre o mármore correto
Desse entreaberto lábio gelado...

Desse lábio de mármore, discreto,
Severo como um túmulo fechado,
Serenos como um pélago quieto.



FONÓGRAFO

Vai declamando um cômico defunto,
Uma plateia ri, perdidamente,
Do bom jarreta... E há um odor no ambiente
A cripta e a pó, — do anacrônico assunto.

Muda o registo, eis uma barcarola:
Lírios, lírios, águas do rio, a lua...
Ante o Seu corpo o sonho meu flutua
Sobre um paul, — extática corola.

Muda outra vez: gorjeios, estribilhos
Dum clarim de ouro — o cheiro de junquinhos,

Vívido e agro! — tocando a alvorada...

Cessou. E, amorosa, a alma das cornetas
Quebrou-se agora orvalhada e velada.
Primavera. Manhã. Que eflúvio de violetas!



DESCE EM FOLHEDOS TENROS A COLINA

Desce em folhedos tenros a colina:
— Em glaucos, frouxos tons adormecidos,
Que saram, frescos, meus olhos ardidos,
Nos quais a chama do furor declina...

Oh vem, de branco, — do imo da folhagem!
Os ramos, leve, a tua mão aparte.
Oh vem! Meus olhos querem desposar-te,
Reflectir-te virgem a serena imagem.

De silva doida uma haste esquiva
Quão delicada te osculou num dedo
Com um aljôfar cor de rosa viva!...

Ligeira a saia... Doce brisa impele-a...
Oh vem! De branco! Do imo do arvoredado...
Alma de silfo, carne de camélia...



ESVELTA SURGE! VEM DAS ÁGUAS, NUA

Esvelta surge! Vem das águas, nua,
Timonando uma concha alvinitente!
Os rins flexíveis e o seio fremente...
Morre-me a boca por beijar a tua.

Sem vil pudor! Do que há que ter vergonha?
Eis-me formoso, moço e casto, forte.
Tão branco o peito! — para o expor à Morte...
Mas que ora — a infame! — não se te anteponha.

A hidra torpe!... Que a estrangulo... Esmago-a
De encontro à rocha onde a cabeça te há de,
Com os cabelos escorrendo água,

Ir inclinar-se, desmaiar de amor,
Sob o fervor da minha virgindade
E o meu pulso de jovem gladiador.



DEPOIS DA LUTA E DEPOIS DA CONQUISTA

Depois da luta e depois da conquista
Fiquei só! Fora um ato antipático!
Deserta a Ilha, e no lençol aquático
Tudo verde, verde, — a perder de vista.

Porque vos fostes, minhas caravelas,
Carregadas de todo o meu tesouro?
— Longas teias de luar de lhama de ouro,
Legendas a diamantes das estrelas!

Quem vos desfez, formas inconsistentes,
Por cujo amor escalei a muralha,
— Leão armado, uma espada nos dentes?

Felizes vós, ó mortos da batalha!
Sonhais, de costas, nos olhos abertos
Refletindo as estrelas, boquiabertos...



QUEM RASGOU OS MEUS LENÇÓIS DE LINHO

Quem poluiu, quem rasgou os meus lençóis de linho,
Onde esperei morrer, — meus tão castos lençóis?
Do meu jardim exíguo os altos girassóis
Quem foi que os arrancou e lançou no caminho?

Quem quebrou (que furor cruel e simiesco!)
A mesa de eu cear, — tábua tosca de pinho?
E me espalhou a lenha? E me entornou o vinho?
— Da minha vinha o vinho acidulado e fresco...

Ó minha pobre mãe!... Não te ergas mais da cova,
Olha a noite, olha o vento. Em ruína a casa nova...
Dos meus ossos o lume a extinguir-se breve.

Não venhas mais ao lar. Não vagabundes mais.
Alma da minha mãe... Não andes mais à neve,
De noite a mendigar às portas dos casais.



Ó MEU CORAÇÃO TORNA PARA TRÁS

Ó meu coração torna para trás,
Donde vais a correr, desatinado?
Meus olhos incendidos que o pecado
Queimou... Voltai horas de paz.

Vergam da neve os olmos dos caminhos,
A cinza arrefeceu sobre o brasido.
Noites da serra, o casebre transido...
— Cismai meus olhos como dois velhinhos...

Extintas primaveras evocai-as:
— Já vai florir o pomar das macieiras,
Hemos de enfeitar os chapéus de maias —

Sossegai, esfriai, olhos febris.
— E hemos de ir cantar nas derradeiras
Ladainhas... Doces vozes senis... —



FLORIRAM POR ENGANO AS ROSAS BRAVAS

Floriram por engano as rosas bravas
No inverno: veio o vento desfolhá-las...
Em que cismas, meu bem? Porque me calas
As vozes com que há pouco me enganavas?

Castelos doidos! Tão cedo caístes!...
Onde vamos, alheio o pensamento,
De mãos dadas? Teus olhos, que um momento
Perscrutaram nos meus, como vão tristes!

E sobre nós cai nupcial a neve,
Surda, em triunfo, pétalas, de leve
Juncando o chão, na acrópole de gelos...

Em redor do teu vulto é como um véu!
¿Quem as esparze — quanta flor —, do céu,
Sobre nós dois, sobre os nossos cabelos?



E EIS QUANTO RESTA DO IDÍLIO ACABADO

E eis quanto resta do idílio acabado,
— Primavera que durou um momento...
Como vão longe as manhãs do convento!
— Do alegre conventinho abandonado...

Tudo acabou... Anémonas, hidrângeas,

Cilindras, — flores tão nossas amigas!
No claustro agora viçam as ortigas,
Rojam-se cobras pelas velhas lájeas.

Sobre a inscrição do teu nome delido!
— Que os meus olhos mal podem soletrar,
Cansados... E o aroma fenecido

Que se evola do teu nome vulgar!
Enobreceu-o a quietação do olvido.
Ó doce, ingénua, inscrição tumular.



SINGRA O NAVIO

Singra o navio. Sob a água clara
Vê-se o fundo do mar, de areia fina...
— Impecável figura peregrina,
A distância sem fim que nos separa!

Seixinhos da mais alva porcelana,
Conchinhas tenuemente cor de rosa,
Na fria transparência luminosa
Repousam, fundos, sob a água plana.

E a vista sonda, reconstrui, compara.
Tantos naufrágios, perdições, destroços!
— Ó fulgida visão, linda mentira!

Róseas unhinhas que a maré partira...
Dentinhos que o vaivém desengastara...
Conchas, pedrinhas, pedacinhos de ossos...



FOI UM DIA DE INÚTEIS AGONIAS

Foi um dia de inúteis agonias.
Dia de sol, inundado de sol!...
Fulgiam nuas as espadas frias...
Dia de sol, inundado de sol!...

Foi um dia de falsas alegrias.
Dália a esfolhar-se, — o seu mole sorriso...
Voltavam os ranchos das romarias.
Dália a esfolhar-se, — o seu mole sorriso...

Dia impressível mais que os outros dias.
Tão lícido... Tão pálido... Tão lícido!...
Difuso de teoremas, de teorias...

O dia fútil mais que os outros dias!
Minuete de discretas ironias...
Tão lícido... Tão pálido... Tão lícido!...



PASSOU O OUTONO JÁ, JÁ TORNA O FRIO

Passou o outono já, já torna o frio...
— Outono de seu riso magoado.
Álgido inverno! Oblíquo o sol, gelado...
— O sol, e as águas límpidas do rio.

Águas claras do rio! Águas do rio,
Fugindo sob o meu olhar cansado,
Para onde me levais meu vão cuidado?
Aonde vais, meu coração vazio?

Ficai, cabelos dela, flutuando,
E, debaixo das águas fugidias,
Os seus olhos abertos e cismando...

Onde ides a correr, melancolias?
— E, refratadas, longamente ondeando,
As suas mãos translúcidas e frias...



QUANDO VOLTEI ENCONTREI OS MEUS PASSOS

Quando voltei encontrei os meus passos
Ainda frescos sobre a húmida areia.
A fugitiva hora, reevoquei-a,
— Tão rediviva! nos meus olhos baços...

Olhos turvos de lágrimas contidas.
— Mesquinhos passos, porque doidejastes
Assim transviados, e depois tornastes
Ao ponto das primeiras despedidas?

Onde fostes sem tino, ao vento vário,
Em redor, como as aves num aviário,
Até que a asita fofa lhes faleça...

Toda essa extensa pista — para quê?
Se há de vir apagar-vos a maré,
Com as do novo rasto que começa...



IMAGENS QUE PASSAIS PELA RETINA

Imagens que passais pela retina
Dos meus olhos, porque não vos fixais?
Que passais como a água cristalina
Por uma fonte para nunca mais!...

Ou para o lago escuro onde termina

Vosso curso, silente de juncais,
E o vago medo angustioso domina,
— Porque ides sem mim, não me levais?

Sem vós o que são os meus olhos abertos?
— O espelho inútil, meus olhos pagãos!
Aridez de sucessivos desertos...

Fica sequer, sombra das minhas mãos,
Flexão casual de meus dedos incertos,
— Estranha sombra em movimentos vãos.



QUANDO SE ERGUERÃO AS SETEIRAS

Quando se erguerão as seteiras,
Outra vez, do castelo em ruína,
E haverá gritos e bandeiras
Na fria aragem matutina?

Se ouvirá tocar a rebate
Sobre a planície abandonada?
E sairemos ao combate
De cota e elmo e a longa espada?

Quando iremos, tristes e sérios,
Nas prolixas e vãs contendidas,
Soltando juras, impropérios,
Pelas divisas e legendas?

E voltaremos, os antigos
E puríssimos lidadores,
(Quantos trabalhos e perigos!)
Quase mortos e vencedores?

.....
.....

.....
.....
E quando, ó Doce Infanta Real,
Nos sorrirás do belveder?
— Magra figura de vitral,
Por quem nós fomos combater...



NÃO SEI SE ISTO É AMOR

Não sei se isto é amor. Procuo o teu olhar,
Se alguma dor me fere, em busca de um abrigo;
E apesar disso, crê! nunca pensei num lar
Onde fosses feliz, e eu feliz contigo.

Por ti nunca chorei nenhum ideal desfeito.
E nunca te escrevi nenhuns versos românticos.
Nem depois de acordar te procurei no leito
Como a esposa sensual do Cântico dos cânticos.

Se é amar-te não sei. Não sei se te idealizo
A tua cor sadia, o teu sorriso terno,
Mas sinto-me sorrir de ver esse sorriso
Que me penetra bem, como este sol de inverno.

Passo contigo a tarde e sempre sem receio
Da luz crepuscular, que enerva, que provoca.
Eu não demoro o olhar na curva do teu seio
Nem me lembrei jamais de te beijar na boca.

Eu não sei se é amor. Será talvez começo...
Eu não sei que mudança a minha alma pressente...
Amor não sei se o é, mas sei que te estremeço,
Que adoecia talvez de te saber doente.

RUFANDO APRESSADO

Rufando apressado,
E bamboleado,
Boné posto ao lado,

Garboso, o tambor
Avança em redor
Do campo de amor...

Com força, soldado!
A passo dobrado!
Bem bamboleado!

Amores te bafejem.
Que as moças te beijem.
Que os moços te invejem.

Mas ai, ó soldado!
Ó triste alienado!
Por mais exaltado

Que o toque reclame,
Ninguém que te chame...
Ninguém que te ame...

AO MEU CORAÇÃO UM PESO DE FERRO

Ao meu coração um peso de ferro
Eu hei de prender na volta do mar.
Ao meu coração um peso de ferro...
Lançá-lo ao mar.

Quem vai embarcar, que vai degredado...
As penas do amor não queira levar...
Marujos, erguei o cofre pesado,
Lançai-o ao mar.

E hei de mercar um fecho de prata.
O meu coração é o cofre selado.
A sete chaves: tem dentro uma carta...
— A última, de antes do teu noivado.

A sete chaves, — a carta encantada!
E um lenço bordado... Esse hei de o levar,
Que é para o molhar na água salgada
No dia em que enfim deixar de chorar...



CREPUSCULAR

Há no ambiente um murmúrio de queixume,
De desejos de amor, d'ais comprimidos...
Uma ternura esparsa de balidos,
Sente-se esmorecer como um perfume.

As madressilvas murcham nos silvados
E o aroma que exalam pelo espaço,
Tem delíquios de gozo e de cansaço,
Nervosos, femininos, delicados.

Sentem-se espasmos, agonias d'ave,
Inapreensíveis, mínimas, serenas...
— Tenho entre as mãos as tuas mãos pequenas.
O meu olhar no teu olhar suave.

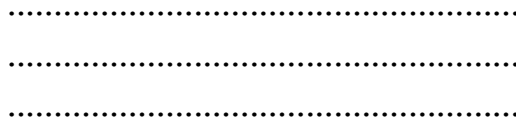
As tuas mãos tão brancas d'anemia...
Os teus olhos tão meigos de tristeza...
— É este enlanguescer da natureza,

Este vago sofrer do fim do dia.



SE ANDAVA NO JARDIM

Se andava no jardim,
Que cheiro de jasmim!
Tão branca do luar!



Eis tenho-a junto a mim.
Vencida, é minha, enfim,
Após tanto a sonhar...

Porque entristeço assim?...
Não era ela, mas sim
(O que eu quis abraçar),

A hora do jardim...
O aroma de jasmim...
A onda do luar...



DEPOIS DAS BODAS DE OURO

Depois das bodas de ouro,
Da hora prometida,
Não sei que mau agouro
Me enoiteceu a vida...

Temo de regressar...
E mata-me a saudade...

— Mas de me recordar
Não sei que dor me invade.

Nem quero prosseguir,
Trilhar novos caminhos,
Meus pobres pés, dorir,
Já roxos dos espinhos.

Nem ficar... e morrer...
Perder-te, imagem vaga...
Cessar... Não mais te ver...
Como uma luz se apaga...



O MEU CORAÇÃO DESCE

O meu coração desce,
Um balão apagado...
— Melhor fora que ardesse,
Nas trevas, incendiado.

Na bruma fastidienta,
Como um caixão à cova...
— Porque antes não rebenta
De dor violenta e nova?!

Que apego ainda o sustém?
Átomo miserando...
— Se o esmagasse o trem
Dum comboio arquejando!...

O inane, vil despojo
Da alma egoísta e fraca!
Trouxesse-o o mar de rojo,
Levasse-o na ressaca.

CHORAI ARCADAS

Chorai arcadas
Do violoncelo!
Convulsionadas,
Pontes aladas
De pesadelo...

De que esvoaçam,
Branços, os arcos...
Por baixo passam,
Se despedaçam,
No rio, os barcos.

Fundas, soluçam
Caudais de choro...
Que ruínas, (ouçam)!
Se se debruçam,
Que sorvedouro!...

Trémulos astros...
Soidões lacustres...
— : Lemes e mastros...
E os alabastros
Dos balaústres!

Urnas quebradas!
Blocos de gelo...
— Chorai arcadas,
Despedaçadas,
Do violoncelo.

AO LONGE OS BARCOS DE FLORES

Só, incessante, um som de flauta chora,
Viúva, grácil, na escuridão tranquila,
— Perdida voz que de entre as mais se exila,
— Festões de som dissimulando a hora.

Na orgia, ao longe, que em clarões cintila
E os lábios, branca, do carmim desflora...
Só, incessante, um som de flauta chora,
Viúva, grácil, na escuridão tranquila.

E a orquestra? E os beijos? Tudo a noite, fora,
Cauta, detém. Só modulada trila
A flauta flébil... Quem há de remi-la?
Quem sabe a dor que sem razão deplora?

Só, incessante, um som de flauta chora...



EM UM RETRATO

De sob o cômodo quadrangular
Da terra fresca que me há de inumar,

E depois de já muito ter chovido,
Quando a erva alastrar com o olvido,

Ainda, amigo, o mesmo meu olhar
Há de ir humilde, atravessando o mar,

Envolver-te de preito enternecido,
Como o de um pobre cão agradecido.



VOZ DÉBIL QUE PASSAS

Voz débil que passas,
Que humílisma gemes
Não sei que desgraças...

Dir-se-ia que pedes.
Dir-se-ia que tremes,
Unida às paredes,

Se vens, às escuras,
Confiar-me ao ouvido
Não sei que amarguras...

Suspiras ou falas?
Porque é o gemido,
O sopro que exalas?

Dir-se-ia que rezas.
Murmuras baixinho
Não sei que tristezas...

— Ser teu companheiro? —
Não sei o caminho.
Eu sou estrangeiro.

— Passados amores? —
Animas-te, dizes
Não sei que terrores...

Fraquinha, deliras.
— Projetos felizes? —
Suspiras. Expiras.



NA CADEIA OS BANDIDOS PRESOS!

Na cadeia os bandidos presos!
O seu ar de contemplativos!
Que é das feras de olhos acesos?!
Pobres dos seus olhos cativos.

Passeiam mudos entre as grades,
Parecem peixes num aquário.
— Campo florido das Saudades
Porque rebentas tumultuário?

Serenos... Serenos... Serenos...
Trouxe-os algemados a escolta.
— Estranha taça de venenos
Meu coração sempre em revolta.

Coração, quietinho... quietinho...
Porque te insurges e blasfemas?
Psiu... Não batas... Devagarinho...
Olha os soldados, as algemas!



FINAL

Ó cores virtuais que jazeis subterrâneas,
— Fulgurações azuis, vermelhos de hemoptise,
Represados clarões, cromáticas vesânias —,
No limbo onde esperais a luz que vos batize,

As pálpebras cerrai, ansiosas não veleis.

Abortos que pendeis as fronteiras cor de cidra,
Tão graves de cismar, nos bocais dos museus,
E escutando o correr da água na clepsidra,
Vagamente sorris, resignados e ateus,

Cessai de cogitar, o abismo não sondeis.

Gembundo arrulhar dos sonhos não sonhados,
Que toda a noite errais, doces almas penando,
E as asas lacerais na aresta dos telhados,
E no vento expirais em um queixume brando,

Adormecei. Não suspireis. Não respireis.



Iba Mendes Editor Digital
www.poeteiro.com